



ANOS DOURADOS NO BRASIL: A IMPRENSA E O IDEÁRIO FEMININO NA DÉCADA DE 1950

Thainá Saranholi dos Santos¹

¹ Graduanda do curso de História, da Universidade do Sagrado Coração. Artigo desenvolvido sob a orientação dos professores Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa e M.e Roger M. M. Gomes.

RESUMO

Neste artigo analisa-se a propagação de conceitos a respeito do ideal de comportamento e relações de gênero, direcionados às mulheres durante a década de 1950 no Brasil, na revista *Jornal das Moças*, e as evidências da hegemonia do poder masculino. Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres foram mobilizadas a participarem de trabalhos essenciais ao esforço de guerra, gerando a sensação de independência e liberdade. Contudo, durante o período pós-guerra, os discursos oficiais passaram a pregar o retorno da mulher dedicada ao lar, à maternidade e à felicidade conjugal, configurando aos valores da década de 1950 o tênue convívio entre o comportamento tradicional e a conquista da emancipação feminina.

Palavras-chave: Mulheres. Revistas Femininas. *Jornal das Moças*.

INTRODUÇÃO

A política internacional da década de 1950 é determinada pelo conflito entre as superpotências EUA e URSS que compreende a disputa ideológica entre os blocos capitalista e socialista, caracterizando a Guerra Fria. Devido ao constante esforço das potências em buscarem áreas de influência, os anos 50 no Brasil apresenta um caráter de aproximação com a cultura e ideologia norte-americana e seu espírito de otimismo frente ao novo modo de vida dos brasileiros, alcançado com o impulso à industrialização, modernização da produção e grande influência estrangeira no processo de formação de uma nova identidade nacional.

A partir de 1941, o Brasil foi literalmente invadido por missões de boa vontade norte-americanas, compostas por professores universitários, jornalistas, diplomatas, empresários, etc., todos empenhados em estreitar os laços de cooperação com os brasileiros, visando a conquista de um novo mercado consumidor. Através de um planejamento cuidadoso de penetração ideológica, principalmente com o cinema de Hollywood, que tentava mostrar o estilo de vida norte-americano, os Estados Unidos procuravam assegurar-se de que o Brasil e a América Latina seriam seus “aliados políticos e econômicos” no plano internacional.²

² BRANDÃO, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990, p.28.

O amplo progresso no ímpeto de industrialização do país, principalmente no mandato de JK em que um de seus objetivos era realizar o “plano de metas” e fazer com que o país evoluísse “Cinquenta anos em cinco”, incentivou a entrada de capital estrangeiro, a modernização do espaço urbano, a ascensão da classe média, o impulso à indústria pesada - principalmente automobilística-, e de bens de consumo, transformando o panorama do Brasil nos anos 50.

Ao lado da euforia do projeto desenvolvimentista, a formação de novos postos de trabalho na indústria, em serviços urbanos, burocráticos e demais profissões liberais, contribuíram para o aumento do padrão de consumo da população.

Renato Ortiz, em *Cultura Brasileira e identidade nacional*, relaciona a onda de progresso brasileiro, na década de 1950, com uma espécie de Segunda Revolução Industrial à Brasileira. Tal menção justificava-se, na medida em que o capitalismo atingia formas cada vez mais avançadas de produção.³

A política interna do governo de JK e o aumento das ofertas de emprego em diversos setores aumentaram as possibilidades de a mulher participar do mercado de trabalho e expandir seu nível de escolaridade, facilitando seu ingresso principalmente no setor terciário, originando concepções acerca dos trabalhos considerados femininos. (BASSANEZI, 2014, p. 17).

O desenvolvimento do setor econômico e da produção industrial trouxeram contribuições ao ideário cultural e social que alteraram o padrão de vida dos brasileiros em consonância com o modo de vida consumista propagado pela ideologia capitalista, impulsionada com o auge da “indústria cultural” e o fascínio exercido pelos valores norte-americanos, desde a política de aproximação com o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

O ambicionado “American way of life” inspirava modelos de comportamento das famílias de classe média brasileira e era popularizado pelas revistas, pelo cinema norte-americano e pela TV, já que uma das grandes mudanças na rotina da população brasileira foi a participação e influência exercida pela mídia com o avanço nos meios de comunicação de massa, que disseminavam o clima de euforia aliado à ideologia nacionalista.

³BRIGLIA, Tcharly Magalhães; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. Percursos da nação e do feminino nos anos dourados. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces**. Rio de Janeiro, n.40, p.203-221, jun.2010.

A expansão dos meios de comunicação conduziu ao crescimento da publicidade e da imprensa direcionada ao público feminino, surgindo também nesse momento, as famosas radionovelas, fotonovelas, chanchadas, teatro de revista e entre outros espaços midiáticos que carregavam uma ideologia no ínterim de suas produções que chegavam até os lares brasileiros.

No contexto de avanço dos meios de comunicação de massa, Bassanezi (2014, p. 19) esclarece que há uma grande veiculação nas imprensas feminina de padrões de comportamento considerados ideais pela moral dominante, assim como certo espaço às figuras alternativas, com modos de vida condenados pela sociedade. Desse modo, ocorre em sua organização o esforço de direcionar as matérias e os discursos das revistas a uma clara representação do que significava ser mulher, assim como papéis estabelecidos do que era ser homem na década de 1950.

Diante de tantos avanços em diferentes áreas da realidade socioeconômica brasileira, é necessário refletir se o clima de progresso e modernização do país nos anos 50 também atingiram as relações de gênero e o papel da mulher nesse cenário, ou se estaria a mulher ainda limitada ao espaço privado. A ideia de uma evolução em prol à nação foi suficiente para abolir com a ideologia patriarcal que impedia com que as mulheres da classe média assumissem seu lugar nos espaços públicos de maneira igualitária?

MULHERES NOS ANOS DOURADOS

O Brasil dos anos 50 é marcado por um período de dupla visão a respeito do papel feminino na sociedade. Por um lado, temos a tentativa de fazer com que as mulheres acompanhassem o processo de modernização e industrialização conquistando seu lugar no espaço público, e por outro, a ideologia patriarcal que trazia a necessidade do retorno da mulher à vida doméstica e reforço do comando masculino do lar que havia ficado debilitado com a participação cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho.

As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário do homem, o “chefe da casa”. Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina – impulsionada com a participação de mulheres no esforço da guerra e reforçadas pelo desenvolvimento

econômico -, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.⁴

O que se esperava das mulheres dos anos dourados era sua extrema dedicação ao matrimônio, vocação para a maternidade e o cuidado com o lar. O papel da “rainha do lar” considerado ideal era propagado pelos discursos familiares e revistas femininas como única alternativa para que a mulher atingisse sua felicidade natural, cumprindo as funções a qual estava destinada e não ocupando-se de atividades que a “masculinizavam”, como por exemplo, o trabalho fora de casa.

MATRIMÔNIO

A manutenção do bem-estar do casamento era vista como esforço particular das esposas, mantendo a união familiar e o marido satisfeito, pois, diante da distinção de papéis entre homem e mulher, o homem era o responsável pelo sustento da família e a mulher pelas ocupações domésticas. Bom humor, estar sempre bem arrumada, amabilidade, dar razão ao homem nos momentos de briga, colocar sempre o marido em primeiro lugar, eram iniciativas aconselhadas pelas revistas do público feminino, já que o grande medo que as mulheres possuíam da possibilidade de uma separação estimulavam sua obediência. Mulheres separadas eram mal vistas socialmente e culpadas pelo fracasso do casamento, e também em casos de traição de seus maridos, que provavelmente seriam motivadas por um “descuido” da esposa. Entretanto, se as esposas fossem infiéis a seus maridos, eram severamente criticadas e punidas, sendo que a violência doméstica e o crime passionai eram perdoados perante a lei. Porém, como as possibilidades de traição por parte da mulher eram consideradas remotas, o justificativo presente nas revistas femininas estava nas fantasias românticas, por exemplo, quando se deixam seduzir por homens irresponsáveis. Mas, quando a traição ocorre pelo homem, se ele continuar provendo o lar e cumprindo suas obrigações, as esposas não deveriam levantar queixas. A liberdade concedida ao homem fazia com que mulheres não “incomodassem” seus maridos com perguntas demais, ciúmes, devendo permitir que ele saia com os amigos enquanto seu papel era apenas dar o afeto necessário para mantê-lo na relação.

⁴ BASSANEZZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p.608.

Afinal, a infidelidade masculina justificava-se pelo *temperamento poligâmico* dos homens – um fator *natural* que, mesmo quando considerado uma *fraqueza* merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres. *Paciência e sacrifícios, integridade e determinação* para manter a *integridade da família*.⁵

SEXUALIDADE

As expectativas sociais relativas ao destino da mulher estavam presentes em vários discursos de origens diferentes, tanto vindo de famílias, nos conselhos das revistas, dos padres e acabavam influenciando suas atitudes e escolhas, principalmente em relação aos seus anseios de vida e à moral sexual. A moralidade imposta pelo ideário social permitia com que o homem tivesse suas experiências sexuais livremente, enquanto as mulheres eram persuadidas a restringir sua sexualidade, valorizando a virgindade – garantia de sua honra- e contenção de seus desejos pelo bem da sua futura felicidade conjugal.

Em contrapartida, relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente incentivadas. Os rapazes normalmente procuravam em suas aventuras prostitutas ou mulheres com quem não pensavam em firmar compromisso, como as chamadas *garotas fáceis, galinhas ou biscates* que lhes permitiam familiaridades proibidas às *moças para casar*.⁶

Traçando perfis femininos, as revistas de grande circulação faziam distinção entre as “moças de família” e “moças levianas”, pois aquelas que cumpriam seus ensinamentos e reservavam sua dedicação ao lar e à família, teriam chances de serem felizes, enquanto as levianas ficariam à mercê dos julgamentos da sociedade, ficando “mal-falada”, uma vez que essas moças permitiam contatos físicos mais íntimos e tinham uma postura considerada rebelde frente à obediência e vigilância que envolvia as moças de família. Roupa demasiadamente sensual, andar com outros rapazes sem a companhia de uma terceira pessoa, a fama de “maçaneta” originada do fato de saírem com rapazes diferentes, eram atitudes características das levianas e que, segundo a moralidade, seriam punidas futuramente não conseguindo um bom casamento, já que eram aquelas com que “os rapazes namoram, mas não casam”. (BASSANEZI, 2001, p. 612).

⁵ Ibid, p.635.

⁶ Ibid, p. 613.

Quanto às formas de aproximação e compromisso, o flerte- agora aportunado- continuava como o primeiro passo de um namoro mais sério. Regras mínimas para os encontros eram bem conhecidas. O rapaz devia buscar a moça em casa e depois trazê-la de volta, mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia entrar; o homem sempre pagava a conta; moças de família não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha que impor respeito.⁷

O controle da sexualidade da mulher em contraposição à liberdade concedida ao homem exemplifica a situação de hegemonia masculina nas relações e é também um símbolo da desigualdade social no país, pois segundo Bassanezi (2007), os homens procuravam satisfazer seus desejos sexuais com mulheres pobres, evidenciando um dos critérios de valorização da mulher de acordo com sua classe social.

Segundo um dos conselhos direcionado aos homens a revista *Jornal das Moças*:

Nem todos os jovens que passeiam em seus automóveis todos os dias, que tem caderninhos de telefones cheios de anotações de compromissos e levam uma vida despreocupada são felizes. Isso se deduz das cartas que recebo de jovens entre as idades de vinte e vinte e três anos. Conhecem tantas outras juvenzinhas e mudam de companhia com tanta frequência que não podem determinar com exatidão qual a de que mais gostem. São colibris que saltam de flor em flor sem saber onde pousar. Sem embargo, o aborrecimento que lhes causa tal forma de vida se deve a não ter encontrado quem realmente preencha suas aspirações. Quando se encontram em tal estado de incerteza, o melhor que devem fazer é retirar-se por uma temporada dessa vida de contínuas saídas e compromissos, dedicar-se aos desportos, tais como o tênis, a equitação, a pescaria e tantos outros atrativos que tem a vida. Desse modo, sua maneira de viver mudará e lhes chegará o momento em que desejarão estar entre suas amigas de novo e poderão apreciar melhor a jovem que lhes convenha. Não devem, todavia, decidir-se a casar-se até que estejam seguros de que vão ser felizes e vão fazer felizes a companheira.⁸

PADRÕES E CONSUMO

Contudo, para atingir sua plena realização segundo os padrões morais da década de 50, as mulheres eram cobradas de diversos modos e situações que iam além de regras de comportamento - que explicitam as relações de gênero-, a imposição de padrões estéticos que contribuíam para o fomento do consumo, sempre com propostas visando à conquista do

⁷ PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo. Planeta do Brasil, 2011.

⁸ *Jornal das Moças*, n.1902, p.65, , 1951.

marido ou o futuro pretendente. Com o estímulo da propaganda, a mensagem transmitida pela publicidade de diversos produtos é que seus consumos estariam diretamente relacionados na conquista de um namoro, noivado ou manutenção da felicidade conjugal. Estar sempre bonita, de aparência jovial e com saúde tornou-se uma das exigências às mulheres dos anos dourados e uma tentativa de conquistarem um posicionamento social.

O cuidado com o corpo recebia atenção especial nas revistas destinadas ao público feminino das classes média e alta, pois prescreviam exercícios, regimes, consumo de determinados produtos, de maneira a consolidar uma maior atenção aos seus corpos como meio de sensualizar-se para conquistar os homens. É nítido nesse instante, o choque ideológico que envolvia o mundo feminino, ou seja, os detalhes e comportamentos que separavam a imagem tradicional e ideal das moças para casar, que alcançam seus objetivos com alternativas modernas, sensualizando o corpo feminino ainda que se exigissem escolhas sóbrias e na medida correta, como evidenciado nesta dica da revista *Jornal das Moças*: “No ritmo de sua vida, não exagere nunca a moda, nem em sua alegria, nem em sua roupa, nem em sua linguagem”. (*Jornal das Moças*, 1950, n.1821, p.56).

Após tantos esforços e o cumprimento do passo a passo em busca da imagem da “moça de respeito”, após a consolidação do matrimônio, a regra era que as esposas mantivessem postura adequada. Em casos de briga entre o casal, a razão era sempre do homem, mas existiam mecanismos considerados válidos para fazer valer a vontade da mulher. O famoso “jeitinho”, evitava a postura de mulher dominadora – atitude repudiada-, e permitia algumas concessões com as artimanhas indicadas pela imprensa feminina, como receitas de sedução para evitar discussões e conquistar de maneira sutil a opinião do marido.

REVISTA JORNAL DAS MOÇAS

O periódico *Jornal das Moças* circulou no Brasil entre 1914 e 1968, no Rio de Janeiro e circulava pelas principais cidades do interior e outras capitais do país, às quartas-feiras, sendo adquirida por assinaturas ou vendas nas bancas. Foi fundada em 1913 por Agostinho Menezes, e era propriedade da editora *Jornal das Moças Ltda*.

Com seu slogan “A revista de maior penetração no lar”, a revista *Jornal das Moças* trazia em seu conteúdo assuntos de interesse que julgava ser do cenário feminino, como moda, contos, poemas, anúncios publicitários de produtos de beleza e eletrodomésticos e

publicações que ditavam regras de comportamento às mulheres da classe média para que fossem vistas como “moças de família” e se adequassem ao que a sociedade esperava dessas mulheres, ou seja, cumprir a função da rainha do lar, mãe cuidadosa e esposa dedicada.

Desde seu surgimento, no século XIX, as revistas femininas propunham-se a levar às leitoras textos amenos e que combinassem com a esfera do privado, local determinado para o desempenho dos papéis sociais destinados à mulher. A própria veiculação de textos cujos conteúdos reproduziam/sugeriam os lugares de mãe, dona-de-casa, esposa e educadora dos filhos da pátria - aqueles aos quais toda mulher deveria almejar-, já dava indícios de que a extensão da função formativa da escola e da família passara a se manifestar também em outros domínios discursivos, tais como o da imprensa, por exemplo.⁹

PÚBLICO ALVO

O público alvo da revista *Jornal das Moças* eram as mulheres e homens da classe média e alta, pois seus conselhos sugerem uma variedade de necessidades materiais para adequar-se aos diferentes eventos e momentos da vida social da mulher, como por exemplo, dicas de moda e comportamento para o chá da tarde, para o clube, jantar, etc.

Através da publicidade e da necessidade sugerida pelas publicações de revistas como o *Jornal das Moças*, diversos padrões comportamentais foram sendo construídos em consonância com o avanço do capitalismo do Brasil e o anseio do retorno da mulher à vida doméstica, que havia sido comprometido com a participação feminina na Segunda Guerra Mundial.

Jornal das Moças, *Querida*, *Vida Doméstica*, *Você*, as seções para mulher de *O Cruzeiro* traziam imagens femininas e masculinas, o modelo de família – branca, de classe média, nuclear, hierárquica, com papéis definidos -, regras de comportamento e opiniões sobre sexualidade, casamento, juventude, trabalho feminino e felicidade conjugal. Essas imagens, mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes de sua época.¹⁰

Em contraposição à monotonia da década de 40, a revista *Jornal das Moças* apresentava grande difusão do ideal feminino com dicas de moda nos anos 50 e propagandas de diversos produtos de cosméticos. Cintura marcada, busto realçado, ombros expostos e pernas de fora, a influência hollywoodiana nas saias rodadas, boleros, lenços no pescoço

⁹ALMEIDA, Nukácia Araújo. **Revistas femininas e educação da mulher**: o jornal das moças. Universidade Estadual do Ceará.

¹⁰BASSANEZZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 609.

delineavam o retorno do luxo, da feminilidade e às aspirações românticas, que haviam sido renunciadas pela necessidade da participação da figura feminina em fábricas de materiais bélicos e entre outras funções de guerra nos anos de 1940.

Figura 1 – Capa da revista *Jornal das Moças*.
Nº2019, 1955



Figura 2 - Capa da revista *Jornal das Moças* Nº2014, 1954



Figura 3 – Início da sessão *Jornal da Mulher*. Nº1821, 1950



Figura 4 – Dica de Moda JM. Nº1840,
1950



Assim como a moda e a restrição a determinados tipos de tecidos durante a Segunda Guerra Mundial, a escassez de cosméticos havia cessado, sendo novamente estimulado o consumo dos mais diversos produtos de beleza que evidenciavam a propagação da conduta feminina preocupada com a imagem que passava aos valores da sociedade dos anos 50, devendo estar sempre bem arrumada, vestida sobriamente, perfumada, comportando-se adequadamente e atentando-se a toda uma série de cuidados que eram indispensáveis à felicidade conjugal e a boa imagem da moça de família.

O lançamento de produtos de maquiagem como sombras, rímel, lápis, a importância aos cabelos sempre brilhantes, tratados e ondulados, a difusão de diversos tipos e marcas de sabonetes, os cuidados com a pele, revelavam o esforço dos periódicos e de suas publicações direcionadas ao público feminino em retornar com os antigos valores e ideais de conduta da mulher reservada ao lar, à maternidade e ao matrimônio.

A família-modelo dessa época era constituída, então, pelo homem, “chefe” da casa, responsável pelo sustento da esposa e dos filhos e pela mulher, que além de “rainha do lar”, esposa e mãe, deveria dar a devida atenção à sua feminilidade, isto é, à

beleza, delicadeza, resignação e doçura, atributos vistos como essenciais para o sucesso de um casamento tradicional.¹¹

Jornal das Moças atribui à mulher a obrigação de estar sempre bem arrumada para satisfazer o desejo do marido e conseguir sua atenção. Todavia, mesmo com a exigência do cuidado com a aparência, a esposa não deveria descuidar dos afazeres domésticos, sendo capaz de transparecer a mesma elegância que possuíam antes de casar, pois agora a necessidade de conseguir o matrimônio já havia sido satisfeita e o desafio seria mantê-la. Qualquer descuido da esposa seja nas exigências domésticas ou nos cuidados com sua beleza, justificaria a procura de seus maridos por outras mulheres que estivessem dispostas a reparar seus descuidos.

Figura 5 – Jornal das Moças. Nº1804, 1950

Uma rainha da moda... mas sem amor!

Meu meu nome é... Eu sou a rainha da moda... Preparava todos os dias e sempre se notava nos jornais... mas esquecia sempre de tomar conta de sua pele.

Ela dá a melhor aparência à sua pele, pois é excecional natural. É isto o maravilhoso produto que dá-lhe uma pele sempre saudável... O "Leite de Colonia" utilizá-lo.

Minha pele de "Leite de Colonia" sempre me dá uma beleza... sempre me dá uma beleza... sempre me dá uma beleza...

Não artificialize sua beleza... CORRIJA as imperfeições da pele com Leite de Colonia

É uma ideia! Além de renovar a beleza artificial, o excesso maquillage para combater as imperfeições da pele: é motivo à reaparação da epiderme. Corrige manchas, sardas, cratos, oporitas e outras irregularidades da pele com Leite de Colonia. Adquirido, naturalmente. É sua pele ganhará aquela fantástica beleza natural que os homens adoram, Leite de Colonia limpa... alivia... amacia e protege sua pele.

Leite de Colonia
O EMBELEZADOR DA MULHER

Feito em 1950

¹¹ XIMENES, Bruna. “Carnet” das jovens: o caráter injuntivo do Jornal das Moças na construção da identidade feminina nos anos 1950. *Língua, Literatura e Ensino*, Campinas, v. 9, dez. 2014.

Figura 6 – Jornal das Moças. N°1804,1950



A BELEZA DAS MÃOS

Grandes poetas exaltaram a graça e a beleza, que fazem das mãos femininas o eterno ponto de atração para os que amam e sentem o belo...

As mãos representam o grande e decisivo segredo do encanto feminino; é para as mãos o primeiro beijo, a primeira carícia...

Mãos femininas! Belas e elegantes, asadas e perfumadas; delicadas e macias! Mãos que inspiram romances...

Para as mãos, braços e o embelezamento das articulações, VELMAN é a mais recente descoberta para o tratamento de beleza, pois transforma as mãos mais rudes nas mais belas e sedutoras. Use Velman nas mãos e tenha os homens aos seus pés.

VELMAN

Creme para as Mãos
nas Farmácias e Drogarias

Pedidos à:
Rua Maria Borba, 44 - São Paulo
1152 Fidei

— 74 —

Figura 7 – Propaganda na JM. N°1900, 1951.

Um finíssimo véu de beleza

Com PÓ DE ARROZ COLGATE

Para maior encanto de sua cútis use o finíssimo Pó de Arroz Colgate. Um perfume insinuante... cílios que dão um encanto natural e juvenil à pele. De maravilhosas aderência, o Pó de Arroz Colgate espalha melhor e permanece muitas horas no rosto. Pó de Arroz Colgate embeleza a cútis, dando-lhe uma transparência avolumada de pétala de rosa...



Aumente seus encantos com ROUGE COLGATE concentrado... maravilhosas tonalidades

PÓ DE ARROZ COLGATE

Um finíssimo véu que Embeleza e Perfuma a Cútis!

15-11-1951 JORNAL DAS MOÇAS — 69 —

Figura 8-Propaganda na JM. N°1900, 1951.

Romance em Hollywood?
Não!
Romance no Rio!



Ele alto, moreno, simpático. Eu, bem... Deixo que vocês me julguem. Ele olhou para mim. Sorriu. Eu olhei para ele. Sorri. Resultado: dois meses de noivado e logo nos casamos. Como tudo isso aconteceu? Ele mesmo explica: "Seu olhar obrigou-me a amá-la. Foi assim que tudo aconteceu."

CILION assegura uma nova beleza às pálpebras. CILION escurece, alonga e recorta os cílios. CILION dá brilho às sobrancelhas e impede a formação de caspa e terçol. Prefira o tubo grande. Rende mais.



Não se esqueça de usar CILION e os homens jamais esquecerão seus olhos.

cilion
preto, embelezando os cílios

JORNAL DAS MOÇAS — 17 —

ESPAÇOS DA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS

Jornal das Moças apresenta na estrutura e configuração de sua revista, matérias e espaços destinados exclusivamente à imagem da mulher tradicional dos anos 1950, escritas tanto por homens quanto por mulheres. Em suas matérias, há uma grande variedade de assuntos, entre moda, religião, algumas curiosidades e regras sociais que sintetizam a mentalidade dos anos 50 acerca da “cultura geral” da mulher, ou seja, saberes que a possibilitavam de manter uma conversa, e que ao mesmo tempo, não as provocassem a serem “pensantes” demais.

Conteúdos relacionados à maternidade - coluna “Falando às mães” com conselhos médicos do Dr. Werther -, conselhos à vida conjugal e maneiras de se comportar em situações específicas e regras de etiqueta - “Carnet das Jovens”, “Bom dia, senhorita” e as dicas de moda com o “Jornal da Mulher” demonstram que os valores disseminados por seus discursos são favoráveis à família tradicional e estável e à mulher reservada e “de família”, aplicando seus ideais em todos os espaços da revista. Um exemplo da adaptação aos referidos valores, é a influência e atratividade dos artistas de Hollywood, que muitas vezes são criticados por serem liberais demais e destacando a observação de que alguns costumes das atrizes e dos norte-americanos são diferentes de como vivia-se no Brasil. São estilos de vida condenáveis às moças de respeito, ou havia o cuidado de ressaltar o quanto as atrizes, além de serem excelentes artistas, tinham muito amor pela vida conjugal e pela maternidade. (BASSANEZI, 2014, p. 26).

Figura 9 – Galeria dos Artistas da Tela com Gail Russel¹²



Em muitas seções da revista *Jornal das Moças*, vê-se o caráter injuntivo das publicações, informando às mulheres regras de comportamento em consonância com o ideal de conduta tradicional da sociedade brasileira dos anos 50:

Para não serem vítimas de um grande desastre social, nossas damas não devem quebrar a linha. E como não quebrar a linha? É simples; basta saber resolver bem certos casos que as fazem balançar. Eis aqui alguns exemplos: Se tem dúvida de que é importante saber tocar piano ou outro instrumento qualquer, não mantenha essa dúvida: não é preciso isto saber para causar boa impressão. Cai em desastre, por exemplo, a dama que em uma conversação usa palavras de gíria e conta anedotas picantes. Salva sua linha a dama que é vista em público somente em companhia de pessoas respeitáveis. Escorrega em queda colamitosa e da qual quiçá não possa levantar-se, a dama que frequenta lugares suspeitos, embora não ponha em prática os métodos aí usados. Firma sua linha a dama que mantém sua casa rigorosamente limpa e arrumada. Descarrila e fica na eminência de cair em grande desastre a dama que faz referências malévolas a outra ausente em uma reunião social, por isso que esta pode ser parenta ou amiga de um dos presentes, sem ter conta ainda que as más referências a outrem são sempre uma nota desarmoniosa em uma conversação (...).

¹² [...] Gail não fuma, não bebe, não frequenta assiduamente os “night-clubs” [...]. *Jornal das Moças*, n.1902, p. 2, 1951.

¹³ *Jornal das Moças*, n.1807, p. 18, 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1950 no Brasil, permeada de mudanças econômicas impulsionadas com a industrialização, a modernização da produção e do conseqüente aumento do padrão de consumo e ascensão da classe média urbana, estabelecia ideais de comportamento direcionado às mulheres que podem ser considerados contraditórios, frente aos ímpetos de modificação da sociedade brasileira.

Após a participação feminina nos esforços da Segunda Guerra Mundial, as campanhas internacionais influenciaram os discursos midiáticos no Brasil, apoiando o retorno da mulher à domesticidade e sua plena dedicação ao matrimônio e à maternidade, funções essas que estariam seladas pelo seu destino natural.

A dedicação aos afazeres das atividades consideradas “coisa de mulheres” e o desempenho do papel feminino, exigia a recusa dos desejos e das ações espontâneas, substituídas pela busca de atitudes e padrões de comportamento vistos como ideais. Sobriedade, doçura, a não concessão de certas “liberdades”, garantiam que a mulher fosse vista de maneira digna pela sociedade e que, acima de tudo, conseguissem casar-se com algum homem que lhe trataria estabilidade financeira e um “bom casamento”, realizando sua realização plena enquanto mulher nos anos 1950.

Antes do casamento, era necessário que ela soubesse como se comportar adequadamente, pois qualquer desvio poderia classificá-la entre as duas grandes distinções de perfis femininos dos anos dourados – as moças de família e as moças levianas. Entre as primeiras, a relação com a sexualidade era bem definida e com limites específicos – principalmente na fase do namoro e noivado -, não permitindo maiores intimidades aos homens e ao namorado, para não ficarem mal faladas e não usando roupas sensuais. Já as levianas eram aquelas com quem os homens namoram, mas não se casam, por obterem comportamentos inadequados, fumando, bebendo, contrariando as imposições de seus pais e experimentando da sexualidade. Tais comportamentos eram estimulados por leituras consideradas proibidas, pela moda do existencialismo e as influências da obra *O segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. (DEL PRIORE, 2011, p. 165).

Em contrapartida à repressão sexual feminina, aos homens eram concedidas e incentivadas as relações sexuais com várias mulheres, como uma maneira de conservar as moças com as quais deveriam casar-se e evitar os julgamentos que o ideário social construiu

acerca do homem ainda virgem. Os privilégios, as diversas formas de “liberdade” e aceitação de determinadas condutas, a visão do homem como figura dominante e provedor do lar, formam atitudes e valores que concedem à sociedade a visão subordinada e limitada da dedicação feminina à esfera privada, já que seu deslocamento ao cenário público e as tentativas de inserção no mercado de trabalho e de emancipação dos valores conservadores e tradicionais tornam-se um desvio de sua função “natural”.

Diante dos padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade e propagados pela imprensa feminina e entre outros veículos de comunicação, podemos perceber as evidências da hegemonia do poder masculino nas diversas relações sociais e instituições, seja na família, na vivência e esforço feminino exigido para a manutenção de um bom casamento e aos valores cristãos como orientação de moralidades.

Contudo, ainda que haja o esforço da definição do papel da mulher na sociedade brasileira dos anos 50, é preciso levar em consideração a ambiguidade de valores que envolvem a vida das mulheres, como o próprio desenvolvimento urbano e capitalista, que aumenta suas possibilidades de conseguir uma profissão, as influências estrangeiras que apresentam figuras inovadoras frente ao seu tempo, como por exemplo, Marilyn Monroe, e também a ação de garotas comuns que questionava tais imposições sociais com um ímpeto de rebeldia, deixando-se levar por seus próprios valores, e acima de tudo, pela vontade de espontaneidade que foram reprimidas pelos padrões dos anos dourados.

GOLDEN YEARS IN BRAZIL: THE PRESS AND THE FEMININE IDEAL IN THE 1950S

ABSTRACT

This article analyzes the propagation of concepts regarding the ideal of behavior and gender relations, directed to women during the 1950s in Brazil, in the Journal of Young Women, and the evidence of the hegemony of male power. During World War II, women were mobilized to participate in work essential to the war effort, creating a sense of independence and freedom. However, during the post-war period, official discourses began to preach the return of women dedicated to home, motherhood and conjugal happiness, setting the values of the 1950s to the tenuous conviviality between traditional behavior and the conquest of female emancipation.

Keyword: Women. Women's Magazines. Journal of the Young Women.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia Araújo. **REVISTAS FEMININAS E EDUCAÇÃO DA MULHER: O JORNAL DAS MOÇAS**. Universidade Estadual do Ceará.

BASSANEZZI, Carla. As mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 607-639.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRANDÃO, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 1990.

BRIGLIA, Tcharly Magalhães; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira. PERCURSOS DA NAÇÃO E DO FEMININO NOS ANOS DOURADOS. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces**. Rio de Janeiro, n.40, p.203-221, jun.2010.

CHORTASZKO, Diane Saggiorato; MOREIRA, Rosemeri. **Mulher e família nos anos dourados: os anúncios publicitários da Revista Grande Hotel (1958-1961)**. In: 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto.

CORAZZA, Bruna Ximenes. “CARNET DAS JOVENS: O CARÁTER INJUNTIVO DO JORNAL DAS MOÇAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NOS ANOS 1950. **Língua, Literatura e Ensino**. Campinas, vol. XI, dez.014.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DIAS, Camila Carmona. **Anos dourados, belos e femininos: a mulher e a moda na década de 50 no Brasil**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

SALERNO, Laura Peretto; Cunha, Maria Teresa Santos. Discursos para o feminino em páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações. **Educar em Revista**. Curitiba, n.40, p.127-139, abr./jun. 2011.

Periódicos utilizados para a pesquisa

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1804,1950.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1807,1950.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1821,1950.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1840,1950.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1900,1951.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.1902, 1951.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.2014,1954.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro. Editora: Jornal das Moças, n.2019, 1955.

Site Visitado

<www.hemerotecadigital.bn.br>

Acessado durante a produção da pesquisa, no decorrer de 2016.